

IMPULSOS E AUTOCONHECIMENTO NA OBRA AURORA DE FRIEDRICH NIETZSCHE

PAULO ROGÉRIO DA ROSA CORRÊA¹
Dr. LUÍS RUBIRA²

INTRODUÇÃO

Friedrich Nietzsche entende que os impulsos são responsáveis pela tessitura da trama do caráter de cada ser humano e atuam como avalizadores das condutas. Dessa forma, o objetivo do trabalho é entender a relação entre os impulsos (*Tribe*) e o autoconhecimento (*Selbstkenntniss*) na obra *Aurora* (1881).

Para o filósofo alemão quando a consciência adquire conhecimento sobre os “motivos” que levam a uma ação ela capta apenas o resultado final de uma luta que se desenrolou de forma intestina num jogo dinâmico e movediço entre impulsos que anseiam para comandar e impor uma organização sobre os demais impulsos. O conhecimento que podemos ter sobre a intensidade, o número dos impulsos e sua manifestação é muito frágil e parcial. A “alimentação” dos impulsos será obra das vivências e das experiências diárias. No entender de Nietzsche toda a tentativa de controle racional e consciente é ela própria um impulso que se manifesta, de modo que nada escapa do ascender e descender dos impulsos. Dessa forma, os impulsos operam no ser humano de modo psicofisiológico e de forma aquém da consciência (*M/A* §119).

2. METODOLOGIA

A discussão sobre os impulsos ocupa muitas das obras de Nietzsche e se relaciona com diversos conceitos filosóficos. No entanto, nos deteremos apenas em *Aurora* fazendo uma leitura imanente à obra. Entendemos que os aforismos que falam dos impulsos fornecem uma chave de leitura importante colocada pelo filósofo para dialogar com outras questões caras à tradição filosófica como um todo: vontade livre, conhecimento, linguagem, etc.

¹ Mestrando em filosofia pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel); E-mail: rogeriocorreafil@gmail.com

² Professor do departamento de filosofia da Universidade Federal de Pelotas (UFPel);
E-mail: luiseduardorubira@gmail.com

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Desenvolveram-se, ao longo do tempo, diversas formas para moderar, bloquear ou desviar um impulso. Nietzsche vai identificar seis “métodos” diferentes de “combater a veemência” de um impulso. Por primeiro, é possível evitar as situações em que esse impulso poderia se manifestar. Se um impulso se manifesta conforme as situações se apresentam o que se tenta é evitar o máximo possível as situações em que um impulso poderia se manifestar e torcer para que após longos períodos de não satisfação ele enfraqueça. É possível também fixar períodos de regularidade para sua satisfação. Dessa forma, impõem-se um regramento estabelecendo um “fluxo” e “refluxo” para a manifestação do impulso. O terceiro “método” traz a possibilidade de uma entrega deliberada e irrefreada visando à satisfação do impulso até que o nojo dele aconteça e, assim, através desse nojo se adquira poder e controle. Quarto, é possível usar um artifício intelectual ligando a satisfação do impulso a um pensamento doloroso tornando, por consequência, o próprio pensamento de satisfação doloroso. Estabelece-se uma relação de causa e efeito tiranizando o impulso através do hábito. Ainda, é possível deslocar a energia para um novo estímulo desviando da satisfação do impulso. Guia-se para outros canais “os pensamentos e o jogo das forças físicas”. Nesse caso é possível temporariamente satisfazer outros impulsos em detrimento daquele que causa desconforto através de um deslocamento de estímulos. A sexta, e última, forma de “combater” a veemência de um impulso encontram-se naqueles a quem convém enfraquecer e oprimir a própria organização física e psíquica para enfraquecer junto de si o impulso (*M/A* §109).

Os diversos métodos de combate aos impulsos alcançam um monumental fracasso porque um impulso manifesta-se de maneira aquém da consciência. Além do mais, a manifestação tornada consciente de um impulso é deflagração final de uma luta intestina aquém do poder da consciência para regulá-la. O querer é uma força fraca diante da impetuosidade dos impulsos, diz Nietzsche. Desta forma, o combate, a escolha do método de combate, das circunstâncias para a satisfação dos impulsos escapa à consciência porque encontra como obstáculo a própria disposição pulsional. Um impulso que predomina busca organizar os demais, impor sobre eles uma ordenação, de modo que a queixa sobre um impulso já é ela própria um impulso rival e oposto ao impulso “queixoso”

que se manifesta (*M/A* §109).

O filosofo alemão investiga o papel da linguagem no tratamento aos impulsos e nos diversos obstáculos que ele coloca para o autoconhecimento. A linguagem “criou diversos obstáculos ao exame de processos e impulsos”. Dois desses obstáculos se expressam numa aparente contradição: em um, há apenas “palavras para graus superlativos desses processos e impulsos”. Isto é, através da linguagem alguns impulsos foram nominados no grau superlativo como se fossem ainda mais perturbadores. Em outro obstáculo, a linguagem evita nominar os impulsos e ao não nominá-los deixa de reconhecer as suas existências. “No passado concluía-se automaticamente que onde termina o reino das palavras também termina o reino da existência”. No entanto, a contradição é apenas aparente. Impulsos como “raiva, ódio, amor, compaixão, cobiça, conhecimento, alegria, dor” já são graus superlativos, “são todos nomes para estados extremos”. O que “fica de fora”, não é nominado pela linguagem são “os graus mais suaves e medianos, e mesmo os graus mais baixos” ainda que continuamente presentes (*M/A* §115). A manobra linguística promove assim um deslocamento dos impulsos em relação às ações, a “trama do caráter” e o “destino” dos homens. Quando sobressaem os impulsos os homens parecem estar em “violentas exceções”, “foras de si”. Impulsos atuando nos “graus mais suaves” estão submetidos à consciência e não são nominados (*M/A* §115). Em ambas as formas os impulsos foram caracterizados como “alheios” a vida dos homens. Ora por serem expressos em grau superlativos, ora por não serem nominados.

A linguagem impõe diversos obstáculos aos impulsos ao pretender uma isomorfia entre as palavras e o mundo. Ela nomeia ou deixa de nomear criando a pretensão de esgotar da existência dos homens e criando dificuldades para um adequado conhecimento sobre eles. No entanto, para Nietzsche é a pretensão de conhecimento da linguagem que acaba com toda a possibilidade de conhecimento.

4. CONCLUSÕES

O ataque de Nietzsche ao móbil da ação assentada na soberania deliberativa da vontade vai provocar uma ruptura com a tradição filosófica. Os vetores das ações estão no combate entre diferentes impulsos: temor, veneração, amor, excitação, arrebatamento, afeto, etc. e não mais numa pretensa “luta dos motivos”. Nietzsche descortina a luta dos impulsos

escamoteados sob a máscara dos motivos.

Nietzsche defende a impossibilidade de um autoconhecimento completo sobre a totalidade dos impulsos que constituem nosso ser. A tentativa de conhecimento sobre eles ocorre sempre de forma incompleta porque existe um alto grau de imponderabilidade na “alimentação” dos impulsos que os coloca fora do controle consciente, pois depende das “nossas vivências diárias”. No entender de Nietzsche os impulsos são como os “braços de pólipo” que se lançam em todas as direções a depender das circunstâncias. São nas “vivências” que ora esse, ora aquele impulso, encontra um terreno fértil. (M/A. §115).

Para tratar dos impulsos Nietzsche recomenda metaforicamente o trabalho do jardineiro restabelecendo a ponte entre conhecimento e autoconhecimento. O jardineiro trabalha num jardim com a multiplicidade; é ele quem dá forma às plantas, retira o inçô e carpe a erva daninha. Cultivar os impulsos como se fossem plantas é muito diferente de desgraçá-los, de “mal dizê-los”. Cultivar um jardim não é pasteurizar ou esterilizar. Assim, é possível cultivar os impulsos como plantas das mais variadas espécies como um bom ou um mau jardineiro trabalha nos mais variados estilos de jardins (M/A §560). Todas as possibilidades nesta metáfora estão presentes como a alegria e a aflição. Nietzsche interroga: Tudo isso temos liberdade para fazer; mas quantos sabem que temos essa liberdade?

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

NIETZSCHE, Friedrich. **Aurora**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

Morgenröte. Disponível:
<http://www.nietzschesource.org/#eKGWB/FW> Acesso: setembro de 2019.

OLIVEIRA, Leonardo Camacho. **A psicologia dos impulsos em Aurora como ponto de aproximação de Nietzsche com o pensamento naturalista.** Disponível: <http://grupodeestudosnietzsche-ufpel.blogspot.com/2012/08/a-psicologia-dos-impulsos-em-aurora.html>. Acesso em julho de 2019. Acesso em julho de 2019.

MACHADO, Bruno. **Notas sobre a Dinâmica dos Impulsos em Nietzsche.** Disponível: <https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/download/14543/12929>. Acesso em julho de 2019.